

O comportamento dos clíticos no jornal *Diário de Pernambuco* do século XIX ao século XXI

El comportamiento de los pronombres personales átonos (clíticos) en el periódico *Diário de Pernambuco* desde el siglo XIX hasta el siglo XXI

Eronildo dos Santos Arruda*

Resumo: O Português Brasileiro apresenta diferenças em relação à gramática do Português Europeu em alguns aspectos, dentre eles, a colocação dos pronomes clíticos – ou pronomes pessoais oblíquos átonos, conforme os manuais de gramática normativa. Tendo em vista esse fenômeno, esta pesquisa visa analisar o comportamento dos clíticos em dados da língua escrita em textos jornalísticos do português de Pernambuco, tomando por base *Cartas do Leitor e Editoriais* publicados no *Diário de Pernambuco* entre os anos de 1830 e 2020. Para tanto, o *corpus* é composto de 80 textos, sendo 40 do gênero *Carta do Leitor* e 40 do gênero *Editorial*, a fim de verificar a ocorrência dos pronomes clíticos diacronicamente na língua. Adotou-se o método hipotético-dedutivo como método de abordagem e, como métodos de procedimento, o comparativo e o estatístico. Durante a análise dos dados, levou-se em consideração o modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), tendo como enfoque a perspectiva da mudança paramétrica, seguindo a perspectiva de investigação de Cyrino (2018) e de Pagotto (2018). Na primeira parte, o trabalho descreve a ordem dos clíticos pronominais como um todo; na segunda parte, enfoca-se o desaparecimento dos clíticos de terceira pessoa. Como resultado, constatou-se maior ocorrência da próclise em relação à ênclise em ambos os gêneros textuais analisados entre a primeira metade do século XIX até o século XXI; quantitativo maior de próclise e redução acentuada de clíticos de 3ª pessoa a partir da segunda metade do século XIX, principalmente, nas *Cartas do Leitor*.

Palavras-chave: clíticos, diacronia, textos jornalísticos, variedades do português

Resumen: El Portugués Brasileño presenta diferencias en relación a la gramática del Portugués Europeo en algunos aspectos, entre ellos, la colocación de los pronombres clíticos - o pronombres personales átonos, según los manuales de gramática normativa. Ante este fenómeno, esta investigación tiene el objetivo de analizar el comportamiento de los clíticos en datos de la lengua en textos periodísticos del Portugués Pernambucano, a partir de Cartas del Lectores y Editoriales publicados en el *Diário de Pernambuco* entre los años 1830 y 2020. Para ello, el *corpus* se compone de 80 textos, 40 de cada género elegido, con el fin de verificar la ocurrencia de los clíticos diacrónicamente en la lengua. Se adoptó el método hipotético-deductivo como método de abordaje y, como métodos de procedimiento, el comparativo y el estadístico. Durante el análisis de los datos, se tuvo en cuenta el modelo de Principios y Parámetros (Chomsky, 1981), centrándose en la perspectiva del cambio paramétrico, siguiendo la perspectiva de investigación de Cyrino (2018) y Pagotto (2018). En la primera parte, el trabajo describe el orden de los clíticos pronominales en su conjunto; en la segunda parte, se centra en la desaparición de los clíticos en tercera persona. Como resultado, se constató una mayor ocurrencia de próclisis en relación a ênclisis en ambos géneros textuales analizados entre la primera mitad del siglo XIX hasta el siglo XXI; mayor cuantitativo de próclisis, reducción brusca de clíticos de 3ª persona a partir de la segunda mitad del siglo XIX, principalmente, en las Cartas del Lector.

Palabras clave: clíticos, diacronía, textos periodísticos, variedades del portugués

* Graduando em Letras-Português e Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE, Recife, PE. E-mail: eronildojunior.santos17@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0007-4675-7585>. DOI: <https://doi.org/10.51359/1984-7408.2024.258213>. O trabalho é fruto de um projeto de pesquisa cujo título é "O comportamento dos clíticos em textos jornalísticos dos séculos XIX ao XXI no Português de Moçambique e no Português de Pernambuco", sob orientação da Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva, desenvolvido nos biênios 2022-2023/2023-2024. A fase da pesquisa que serviu de base para este artigo foi empreendida entre 2022-2023, através do PIC.

1. Introdução

Segundo Joaquim Mattoso Câmara Jr. (2004 [1970], p. 117), os pronomes são caracterizados “pela noção gramatical de pessoa”, sendo subdivididos em formas retas (livres/tônicas) ou oblíquas. As formas oblíquas, também chamadas de pronomes clíticos, são formas “adverbiais”, ou seja, utilizadas “como forma dependente junto a um verbo, para expressar um complemento, que fonologicamente é uma partícula proclítica ou enclítica do verbo” (Câmara Jr., 2004, p. 33). Câmara Jr. (1988 [1977] *apud* Biazolli, 2016, p. 35) afirma haver “uma orientação generalizada ao uso proclítico do pronome e o desfavorecimento da ênclise” no português brasileiro (doravante PB).

Para autores como Maria Carlota Rosa (2000, p. 110, grifo da autora), “o termo *clítico* praticamente tornou-se sinônimo de pronome pessoal, no entanto, a denominação é mais geral que isso”. Essa classe de palavras apresenta posição fixa (próclise ou ênclise) em relação a um outro elemento da oração, ocorrência sem acentuação e colocação similarmente fixa, no que concerne a outros clíticos, especialmente no português europeu (doravante PE), uma vez que, no Brasil, é construção em desuso. Um exemplo dessa posição similarmente fixa a que se refere Rosa (2000, p. 111, grifos nossos) é a posição o clítico dativo que antecede o acusativo: “*lha, mo, ta, to* (mas não **alhe, *ome*)”.

Dentre as diferenças linguísticas apresentadas pelo PB em relação ao PE, encontra-se a variação na colocação pronominal dos clíticos. Para tanto, a presente pesquisa visa apresentar estudos investigativos até então realizados sobre o comportamento dos clíticos no PB, ao longo do tempo, tomando por base autores como Martins (2018), Cyrino (1994, 2018), Castilho (2014), Pagotto (2018) e entre outros.

No que concerne à posição mesoclítica, Líbia Saraiva (2008, p. 95), afirma, com base na análise contrastiva de seu *corpus* oral e escrito, sobre a colocação de pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico, que “as duas modalidades, [...] de um modo geral, em relação à Gramática Tradicional (GT),¹⁴ mostram-se concordantes também no que diz respeito ao uso da mesóclise: em ambos os *corpora*, essa colocação tende à extinção”. Em Martins (2018), encontra-se um total de 26 casos de mesóclise dentre 5.350 dados do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) retirados de cartas de leitores e redatores, assim como de anúncios. O teórico atesta que “a mesóclise está restrita à escrita do século XIX” (Martins, 2018, p. 164), havendo apenas duas ocorrências fora dessa margem histórica que ocorrem em Cartas de Redatores do século XX.

Para a posição proclítica, trazemos Ataliba de Castilho (2014) que alega a predominância do uso de próclises no PB. O autor ainda propõe uma constituição do uso

¹⁴ A Gramática Tradicional pode ser entendida como o conjunto de regras a respeito da língua, comportando-se como uma espécie de manual para o bem falar, escrever e comunicar-se, segundo Travaglia (2003).

normativo de clíticos no PB para mostrar o fator atrativo para maior uso de posições proclíticas (como mostra o quadro abaixo):

Quadro 1 - Fator atrativo de próclise nas gramáticas normativas

Definição da GT	Colocação dos pronomes
(a) a ênclise é a colocação posição básica dos clíticos;	(1) Maria encontrou- <i>me</i> .
(b) a próclise é de regra quando ocorrem os seguintes elementos atratores: (i) conjunção integrante ou pronome relativo (cf. (2)); (ii) advérbio de negação/tempo/focalização (cf. (3)); (iii) sujeito quantificado (cf. (4));	(2) Disseram que Maria <i>me</i> encontrou. A Maria que <i>me</i> encontrou não é a mesma; (3) Maria não <i>me</i> encontrou. Maria já <i>me</i> encontrou. Maria só <i>me</i> encontrou quando eu bobeei. (4) Muitas Marias <i>me</i> encontraram.
(c) não se começa sentença com um clítico (cf. (5)): (i) nas perífrases de gerúndio e particípio, os pronomes se colocam antes ou depois do verbo auxiliar, seguindo essas mesmas regras (cf. (6) e (7)); (ii) em perífrases de infinitivo, o verbo é sempre enclítico, mesmo que ocorram atratores (cf. (8)).	(5) * <i>Me</i> diga se você aceita isso. (6) Maria está- <i>me</i> encontrando. Maria não/já/só <i>me</i> está encontrando. * <i>Me</i> está encontrando a Maria. (7) Foi- <i>lhe</i> dito que ficasse quieto. Não/já/só <i>lhe</i> foi dito que ficasse quieto. * <i>Lhe</i> foi dito que ficasse. (8) Maria vai encontrar- <i>me</i> . Disseram que Maria vai encontrar- <i>me</i> . A Maria que vai encontrar- <i>me</i> não é a mesma. Maria não vai encontrar- <i>me</i> . Maria já vai encontrar- <i>me</i> . Maria só vai encontrar- <i>me</i> se eu deixar pistas.

Fonte: Adaptado de Castilho (2014, p. 483-484).

Cyrino (2018) observa, a partir de um *corpus* diacrônico constituído por peças brasileiras¹⁵ dos séculos XVIII, XIX e XX, a perda do clítico de 3ª pessoa em decorrência do aumento da ocorrência de objetos nulos, fenômenos que, segundo a autora, aparecem nos fins do século XIX. Para tanto, foram coletadas 2.000 sentenças em que ocorrem pronomes clíticos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e plural, acusativos, dativos e reflexivos, porém, consideraram-se apenas 1.000 sentenças por ser constatada uma desproporcionalidade no número de dados coletados, que foi gerada pelo decréscimo da ocorrência em cada período histórico analisado (Cyrino, 2018).

A variação dos clíticos no PB “abrange dois aspectos: sua posição mudou [...] e houve uma queda na sua ocorrência” (Cyrino, 2018, p. 131). A respeito da próclise, Cyrino (2018) e Martins (2018) observam que os clíticos podiam subir, nos séculos XVIII e XIX, para posições superiores às categorias de negação (cf. (9), (10) e (11)), no entanto, no século XX, em uma locução verbal, encontra-se sempre proclítico ao verbo mais baixo. Seguem exemplos:

(9) “Este ano *me* não foi preciso ir tratar de negocios nem a alfandega nem á mesa das diversas Rendas” (Martins, 2018, p. 163, grifo do autor);

(10) “Como *me* não deixei intimidar, ameaçou-me e retirou-se do ônibus com minha carteira” (Martins, 2018, p. 194, grifo do autor);

(11) “Este ano *me* não foi preciso ir tratar de negocios nem a alfandega nem á mesa das diversas Rendas” (Martins, 2018, p. 163, grifo do autor).

A respeito da ênclise ao longo da história da gramática do PB, Cyrino (2018, p. 132) verifica que

ocorria [no século XVIII] em 100% dos casos nas estruturas com o imperativo afirmativo, sentenças com infinitivo impessoal e sentenças com gerúndio (do tipo “Chegando em casa, ...”). [...] No século XX, a ênclise ficou realmente restrita ao pronome *o*, a quando há um infinitivo.

Os estudos de Rouveret (1989) apontam para a ocorrência de clíticos no PB em posições consideradas agramaticais no PE, como em casos de imperativo afirmativo e início de sentenças (cf. Cyrino, 2018).

Cyrino (1994 *apud* Cyrino, 2018, p. 138) verifica “85% de ocorrência de clíticos contra 17% de falta de clíticos (posições vazias - objetos nulos)” no século XVIII, conforme o exemplo a seguir:

¹⁵ Gênero escolhido por ser mais próximo do vernáculo.

(12) “D. Tibúrcio: Para que manda vossa mercê chamar a minhas primas tão depressa?”

D. Lancerote: Logo vereis _” (Cyrino, 1994, p. 167) ¹⁶

No entanto, na primeira metade do século XX, a frequência dos clíticos decaiu para 58% das sentenças contra 42% sem clítico (e sem pronome lexical) (Cyrino, 2018). A autora menciona o fato de não haver muitos estudos a respeito dos pronomes nas demais pessoas. Desta feita, tais traços foram levados em consideração em sua pesquisa, gerando a distribuição dos resultados na tabela a seguir:

Tabela 1: Distribuição por tipo de preenchimento de clíticos conforme suas ocorrências através do tempo, levando em consideração o traço número-pessoal (% sobre o total de preenchimento)

Período	Clítico 1ª p.	Clítico 2ª p.	Clítico 3ª p.	Clítico “neutro”
XVI / 1	29,0	29,4	34,8	6,8
XVI / 2	30,6	12,6	43,3	13,5
XVII	20,3	16,4	52,3	11,0
XVIII / 1	36,5	19,3	37,8	6,4
XVIII / 2	40,1	15,8	37,0	7,1
1838-44	32,5	10,7	51,2	5,1
1857	23,3	11,4	57,9	2,8
1891	15,9	12,1	48,1	2,8
1940	49,1	22,4	26,7	0
1960	51,1	0	16,3	0
1973	28,0	24,0	4,0** ¹⁷	0

Fonte: Adaptado de Cyrino (2018, p. 140).

Com base nesses resultados, conclui-se que: a) clíticos de 1ª e 2ª pessoa ainda ocorrem no PB, embora que em uma proporção menor; b) a queda do clítico de 3ª pessoa é confirmada e c) o clítico “o” proposicional (clítico “neutro”) foi o primeiro a desaparecer no PB (Cyrino, 2018). A respeito do conceito de clítico neutro, ou “o” proposicional, Cyrino (1994, p. 3, grifo da autora) afirma que esse clítico é responsável por “substituir” uma

¹⁶ Neste relatório, segue-se a maneira como Cyrino (1994; 2018) e Martins (2018) representaram a posição de objetos nulos, ou seja, com um traço (___).

¹⁷ ** = clítico plural.

oração (cf. (13)), e observa também uma ocorrência de elipse do pronome, denominada por ela como sentencial (cf. (14)), um uso que inexistia no século XX:

(13) "O Caso he este; dir-vo-lo-hei";

(14) " - Cuja he?

- E eu que sei _

- Pois quem o sabe?".

No que concerne ao pronome “o” proposicional, seguindo a mesma direção dos resultados obtidos por Cyrino (2018), Pagotto (2018) afirma que as diferenças encontradas quanto à posição dos clíticos entre o PB e o PE podem ser relacionadas ao fenômeno da perda dos clíticos do próprio PB. O estudo de Pagotto (2018, p. 146) estrutura-se sobre um período mais longo que vai da primeira metade do século XVI à segunda metade do século XX e chega à conclusão de que “os clíticos permanecem em próclise de uma forma bastante consistente. O percentual se mantém em torno dos 85% em quase todos os períodos. Por outro lado, a partir do século XIX cresce o percentual de ênclise”. Evidenciam-se abaixo algumas ocorrências extraídas de sua pesquisa:

(15) “Entre as demais dividas me admirão as da fortaleza da Lagem” (*Governadores do Rio de Janeiro - Correspondência activa e passiva - 1ª metade do século XVIII*);

(16) “[...] chegando ao lugar da fruteira, se divide o Rio da fruteira, para o Norte...” (*Documentos históricos do Espírito Santo - 2ª metade do século XVIII*);

(17) “Sentiose Geralmente esta morte por ser assim apressada.” (*Documentos históricos do Espírito Santo - 1ª metade do século XVII*);

(18) “Enquanto aguardo a chegada de sua carta, escrevo-*lhe* estas linhas.” (Arquivo de cartas pessoais de S.L. - 2ª metade do século XX)” (Pagotto, 2018, p. 154-155, grifos do autor).

A fim de explicar os métodos analíticos empregados nos dados envolvendo os clíticos pronominais nos estudos dentro do campo da Teoria Gerativa, Pagotto (2018) aborda as proposições teóricas de Rouveret (1989) a respeito dos modos de análise utilizados nessa classe de palavras: o algébrico e o geométrico. No *algébrico*, a morfologia da palavra, seu traço lexical, teria mais importância do que as relações hierárquicas dos constituintes, ao passo que, no *geométrico*, supõe-se “que a diferença entre a próclise e a ênclise decorre exclusiva e diretamente das relações de ordem linear e dominância hierárquica que as categorias têm entre si” (Rouveret, 1989, p. 9).

Durante a sua investigação, Pagotto (2018, p. 147) assume, segundo a análise geométrica, que: (i) os clíticos se movem para núcleos funcionais - AGR ou T;¹⁸ (ii) este movimento se dá conjuntamente com o verbo, ou não; (iii) a próclise é a posição natural do clítico, a ênclise é fruto de um movimento suplementar do verbo.

Em meio às hipóteses testadas pelo autor, as que afirmavam haver mudanças nas regras que produziam próclise e ênclise no português clássico (PC) e no PB ganharam destaque: “no português clássico, haveria movimento do verbo até T, tendo como consequência uma posição superficial de próclise; no português brasileiro atual, nem o clítico nem o verbo se moveriam, e o resultado superficial seria igualmente de próclise” (Pagotto, 2018, p. 159). Ao fazer uma comparação entre a próclise do português clássico e a do português brasileiro atual, Pagotto (2018, p. 148) propõe ainda que a colocação do PC dava-se através de movimento do *verbo* e movimento do *clítico* (cf. (19)), enquanto o PB atual teria perdido tais movimentos ou os restringiu (cf. (20)), como mostra a esquematização a seguir:

(19) (TP *c/V-T-AGR* (AGRP *t t* (VP *t*

(20) (TP *T* (AGRP *AGR* (VP *c/V*

Considerando o que foi exposto acima, este trabalho objetiva analisar o comportamento dos clíticos pronominais na esfera jornalística pernambucana, de modo a observar suas mudanças durante os séculos XIX, XX e XXI e conferir se sua mudança se coaduna ao que foi preconizado pela literatura especializada na área (cf. Cyrino, 2018; Martins, 2018; Pagotto, 2018). Na seção a seguir, discorreremos a respeito da composição do *corpus* de pesquisa e apresentaremos, na seção 3, a metodologia empregada nesta pesquisa, além das variáveis levadas em consideração para fins de análise. Já na seção 4, serão abordados os dados e se estabelecerá um diálogo entre as proposições teóricas que embasam essa investigação e os resultados constatados. E, por último, nossas considerações finais serão dispostas com base nos resultados alcançados pela pesquisa.

¹⁸ Dentre as divisões apresentadas por Mioto (2018), Chomsky (1981), Cyrino (1994) e Pollock (1989) para a distinção dos núcleos sintagmáticos, encontra-se a de núcleos funcionais - que se opõem a de núcleos lexicais. Aqueles são caracterizados pela incapacidade de realizar a seleção semântica (s-seleção) de seus argumentos, bem como a obrigatoriedade de posições de especificador (*spec*) e complemento. A flexão verbal finita I encabeça o sintagma flexional IP (*Inflectional Phrase*), de tal maneira que “codifica as propriedades gramaticais que definem uma sequência como sentença” (Mioto, 2018, p. 60). O IP é o centro das sentenças finitas e pode marcá-las como independentes. O I seleciona um sintagma verbal (VP - *Verbal Phrase*) como seu complemento, esses constituintes são normalmente referidos pela gramática tradicional como desinências verbais. Aproveitando-nos do conceito da gramática tradicional, é possível fazer uma ligação entre sua definição e a abordagem de Mioto (2018, p. 61), que, ao falar sobre a flexão verbal, diz-nos que “em muitas línguas é composta de flexão modo e tempo (abreviada por T, do inglês *tense*) e flexão número e pessoa (abreviada por Agr, do inglês *agreement*)”. Desta feita, depreende-se que I é composto por dois núcleos (Agr/T), de tal maneira que AgrP (*Agreement Phrase*) seleciona TP (*Tense Phrase*) como complemento. A relação descrita anteriormente pode ser exemplificada como [AgrP[TP[VP]]].

2. Desenvolvimento

Tomando por base os trabalhos apresentados sobre o comportamento dos clíticos no PB, em que verificou-se um aumento acentuado da próclise e perda dos clíticos, sobretudo, os de terceira pessoa, esta pesquisa, seguindo um viés diacrônico apoiado no modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), centrará a atenção no comportamento dos clíticos no estado de Pernambuco partindo de dois gêneros presentes no jornal *Diário de Pernambuco* desde o século XIX até o século XXI, a saber: a *Carta do Leitor* (CL) e o *Editorial* (ED).

A escolha desses dois gêneros textuais deu-se em virtude de que boa parte das pesquisas realizadas no ramo, em geral, utilizam-se de textos que representam mais de perto o vernáculo da época (como é o caso das peças teatrais). No caso do jornal, que passou por uma revisão final, busca-se descobrir a possibilidade de perceber um processo de mudança no comportamento dos clíticos ao longo do tempo em *Cartas do Leitor*, gênero que, para nós, aponta para uma maior proximidade com a língua falada. Por sua vez, no que se refere às *Cartas do Leitor*, alguns autores verificam que há mais proximidade com a coloquialidade oral (cf. Silva; Gomes, 2016; Cyrino, 2018; Martins, 2018).

Entretanto, há autores que defendem a ideia de que o *Editorial* localiza-se em uma esfera mais distante da coloquialidade oral (cf. Alves Filho, 2006; Vieira, 2009; Köche *et al.*, 2012), ao contrário de Silva (2022) que indica que os textos jornalísticos são majoritariamente orientados pela norma-padrão da língua, apresentando, contudo, variações linguísticas do cotidiano. Um dos fatores elencados para tal fenômeno é justamente o curto período de tempo entre a escritura dos textos e sua publicação. Dessa maneira, o redator tende a não observar estritamente a gramática, o que faz transparecer em sua escrita muitos aspectos da linguagem cotidiana – sua “gramática intuitiva” (Silva, 2022).

Similarmente, teóricos como Camila Pelizari *et al.* (2019) e Adeilson Silva (2022) argumentam que, seja ou por falta de tempo hábil entre escrita e publicação dos textos nos periódicos ou para atender a finalidade argumentativa inerente a essa Tradição Discursiva (TD), notam-se certas brechas entre a realização efetiva do texto e o que os manuais de gramática preconizam. Com base nisso, uma das hipóteses a ser testada neste trabalho é de que evidências do processo de mudança verificado em outros estudos sobre o comportamento dos clíticos em PB seriam mais perceptíveis nas *Cartas do Leitor* do que nos *Editoriais* em análise.

Vejamos alguns exemplos de clíticos extraídos dos gêneros supracitados, tendo em mente os traços de pessoa, sua posição sintática (próclise, mesóclise e ênclise) e sua função sintática, em específico, para aqueles que atuam como complementos (objeto direto e objeto indireto):

- *Primeira metade do século XIX:*

(21) a. “Custa-*me*, Srs Redactores, fórço meu natural acanhamento [...]”. (CL - 1840 / Ed.00004)

b. “[...] não achando auxílio algum, e nem gente que se *lhe* quizesse unir”. (ED - 1850 / 00003)

- *Segunda metade do século XIX:*

(22) a. “[...] e ao avistar-*me* fez-*me* aproximar”. (CL - 1890 / Ed. 00017)

b. “[...] e convidou a gente presente a acompanhá-lo ao paço da Bôa-Vista” (ED - 1870 / Ed. 00012).

- *Primeira metade do século XX:*

(23) a. “[...] premeditamos, nos Diários Associados, convida-lo para illuminar o Christo Redemptor”. (CL - 1935 / Ed. 00010)

b. “o problema da energia elétrica não encontrou solução, cabe-*me* referir muito que já foi feito nesse sentido” (ED - 1950 \ Ed. 00001).

- *Segunda metade do século XX:*

(24) a. “É por isso que não *nos* furtamos a considerar o futuro em suas bases previsíveis” (ED - 1975 \ Ed. 00001).

b. “[...] a sua contraditória atividade publicitária, na qual dava pequenas paradas nas bodegas que *lhe* ofereciam as costumeiras doses de cachaça” (ED-1990 \ Ed. 00197).

- *Século XXI:*

(25) a. “sem falar no péssimo atendimento que é prestado pelos seus funcionários pois estão sempre de “cara feia” e “mal Humorados” sem falar nas enormes filas que *se* formam por causa dos poucos caixas disponíveis” (CL - Cartas e emails - 04/12/2014).

b. “Em princípio, o artigo de Sérgio é muito elogioso, faz ótimas referências à novela, mas parece não entender completamente a congregação, por exemplo, o que *me* inquietou muito” (CL - “Carta aos leitores de Colégio de freiras” - 2020).

Ao estudar a historicidade da língua e dos textos, faz-se necessário abordá-la sob a perspectiva da Tradição Discursiva entendida por Kabatek (2006, p. 512) como “a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de um modo particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio”. Portanto, para que se estabeleça o ato da comunicação, o propósito comunicativo “atravessa o filtro da língua e das tradições discursivas” (Brito; Gomes, 2019, p. 4). Essa abordagem foi levada em consideração ao selecionarmos os gêneros *Carta do Leitor* e *Editorial* como fontes do *corpus* desta pesquisa.

Compõem também a TD “os elementos constitutivos de um gênero que se encarregam de marcar a sua natureza ao longo do tempo, passando, evidentemente, pelos processos de mudança e permanência” (Brito; Gomes, 2019, p. 4). Tal visão

apresenta semelhanças aos apontamentos teóricos de Bakhtin (2020) para quem os gêneros são formas relativamente estáveis que mediam as relações sociais através das mais variadas atividades realizadas - sendo estas responsáveis por moldá-los (os gêneros).

Dessa maneira, é possível perceber que se faz necessário estudá-los de maneira a considerar a importância de sua fluidez e dinamicidade, e também revelar certa “instabilidade” de sua rotulação e funcionamento (Pelizari *et al.*, 2019). A essa perspectiva, seguem-se também as análises de Silva e Gomes (2016, p. 57), para os quais “os gêneros estão intrinsecamente articulados com as práticas sociais, aspectos cognitivos, interesses, relações de poder, tecnologias, atividades discursivas e culturais”, e às ideias de Marcuschi (2011, p. 19), para o qual “eles (os gêneros) mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”.

Gomes (2007, p. 88) divide a trajetória dos jornais brasileiros em três fases: 1) *político-panfletária*, em que o aspecto subjetivo/opinativo dos leitores tem mais força - neste período dá-se a gênese da *Carta do Leitor*; 2) *literário-independente*, na qual inserem-se textos literários e da imprensa; e 3) *telegráfico-informática*, em que impera o caráter informativo e padroniza-se mais o gênero. Então, se a própria história do jornal apresenta diferentes momentos, os gêneros aqui selecionados podem evidenciar também algumas dessas transformações.

3. Procedimentos metodológicos

Durante a análise dos dados, adotou-se o método hipotético-dedutivo como critério de abordagem e, como métodos de procedimento, o comparativo e o estatístico. A adoção do primeiro método, dá-se em decorrência do fato de que, sob a ótica do inatismo, parte-se de uma assunção geral de que todo ser humano possui uma Faculdade da Linguagem que contém uma Gramática Universal composta por princípios (propriedades comuns a todas as línguas) e parâmetros (*locus* de variação entre as línguas). Partindo do fato de que os clíticos no PB possuem um comportamento distinto dos clíticos no PE (cf. Pagotto, 2018; Cyrino, 2018) por razões relacionadas, por exemplo, ao enfraquecimento da morfologia de flexão verbal no PB que tem ocasionado a perda de sujeitos plenos e o aumento substancial de objetos nulo, esta pesquisa visa compreender como os clíticos no português de Pernambuco (PP) vêm se comportando, seguindo uma perspectiva de análise paramétrica.

Quanto à adoção dos métodos comparativo e estatístico, foi feita uma análise do comportamento dos clíticos a partir da comparação entre os gêneros *Carta do Leitor* e *Editorial*, visando testar a seguinte hipótese: há maior presença de clíticos pronominais no gênero ED do que nas CL, já que aquele se configura por maior formalidade e maior número de próclise do que nas CL, haja vista sua maior proximidade ao vernáculo brasileiro.

Além dessa comparação, foram obtidos resultados quantitativos resultantes da adoção do método estatístico que indica não só o quantitativo geral das ocorrências, mas também a frequência dos clíticos, tomando por base três variáveis, a saber: (a) a posição sintática; (b) a função sintática; e (c) o traço de número-pessoal.

Na organização dos dados obtidos, tomou-se por base a metodologia Sociolinguística Variacionista, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), uma vez que utilizamo-nos dos conceitos de "variáveis" linguísticas. Dessa maneira, segue-se o quadro com a distribuição dessas variáveis com seus respectivos fatores:

Quadro 2: Inventário das variáveis e variantes

VARIÁVEL	VARIANTE ¹⁹
Posição sintática	Próclise
	Ênclise
Função sintática	Objeto direto
	Objeto indireto
Traço número-pessoal	1.p.sg.
	2.p.sg.
	3.p.sg.
	1.p.pl.
	2.p.pl.
	3.p.pl.
Termo atrativo	Presença de termo atrativo de próclise
	Ausência de termo atrativo de próclise

Fonte: Do autor.

Para a constituição do *corpus* desta pesquisa, foram selecionados 80 textos jornalísticos retirados das edições do *Diário de Pernambuco* em um período que se estende de 1830 a 2020, disponibilizados no *site* da Biblioteca Nacional Digital e do próprio jornal. Dentre o material coletado, 40 textos pertencem ao gênero textual *Carta do Leitor* e, os demais, ao gênero textual *Editorial*. Na tabela 2, encontra-se o quantitativo de textos selecionados por período com base na seleção desses gêneros.

¹⁹ A ausência da mesóclise na tabela deve-se ao fato de não ser um fenômeno que foi encontrado no *corpus* desta pesquisa, consoante aos estudos de Saraiva (2008), os quais indicam que é um fenômeno que tende à extinção.

Tabela 2: Quantitativo geral de textos selecionados por período de tempo

Século	<i>Carta do Leitor</i>	<i>Editorial</i>
1ª séc. XIX	8	8
2ª séc. XIX	8	8
1ª séc. XX	8	8
2ª séc. XX	8	8
Séc. XXI	8	8
TOTAL GERAL	40	40

Fonte: Do autor.

Estabeleceu-se um número padrão para as análises de *corpus* durante o estudo, 8 exemplares de cada gênero por período, uma vez que se constatou certa redução no número de *Cartas do Leitor* durante as décadas, principalmente na última metade do século XX. Dessa maneira, seria possível tratar os dados com mais equidade e clareza.

Após selecionados os textos, foi feita a constituição do *corpus* que, até este primeiro momento, contém apenas os clíticos complementos que ocupam a posição de objeto direto e objeto indireto. Em geral, foram selecionadas 277 ocorrências no gênero *Carta do Leitor* e 204 no gênero *Editorial*, totalizando, portanto, 481 ocorrências.

Na próxima seção, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos. Para a realização desta análise, os dados foram obtidos a partir dos fatores de cada variável descrita no quadro 2. Vale dizer ainda que, durante a codificação desses dados, verificou-se a inexistência de mesóclise.

4. Enfocando a historicidade da língua: o comportamento dos clíticos

Esta seção centrará sua atenção no comportamento dos clíticos no PP sob um viés diacrônico a partir de sua ocorrências em dois gêneros jornalísticos: a *Carta do Leitor* e o *Editorial*, tendo como base os estudos de Cyrino (2018) e de Pagotto (2018), que apontam para a queda dos clíticos pronominais, especialmente os de 3ª pessoa, e a tendência quase generalizada para a utilização dos pronomes oblíquos átonos em situação de próclise. Isso, em decorrência dessa posição ligar-se ao apagamento desses pronomes em posição objeto – o chamado objeto nulo.

O *corpus* da pesquisa de Cyrino (2018, p. 132) foi extraído de peças teatrais por se entender “que seriam uma melhor representação do vernáculo”, restringindo os dados da

autora a três séculos: XVIII, XIX e XX. Pagotto (2018), por sua vez, analisou 1.436 dados extraídos de cartas pessoais e documentos oficiais. Além disso, de forma geral, “em textos escritos do Brasil no curso dos séculos XVIII, XIX e XX, os padrões de colocação dos pronomes clíticos constituem um quadro bastante complexo, no sentido de que a variação atestada nos textos escritos é significativa” (Martins, 2018, p. 156).

No caso desta pesquisa, a escolha dos gêneros textuais, bem como o período escolhido para a coleta dos dados, visa comparar os resultados obtidos nas *Cartas do Leitor* e nos *Editoriais* com aqueles obtidos nas peças teatrais, cartas pessoais e documentos oficiais analisados em estudos anteriores (cf. Cyrino, 2018; Pagotto, 2018; Martins, 2018).

Busca-se, portanto, perceber se os gêneros jornalísticos aqui abordados apresentam proximidade aos padrões da língua coloquial brasileira do período em questão, mesmo aqueles que passam pelo crivo de uma equipe editorialista que, em tese, prende-se a padrões gramaticais normativos. A hipótese que norteia essa análise é a de que, no *Editorial*, é possível encontrar maior número de ocorrências de clíticos pronominais enquanto que, nas *Cartas do Leitor*, espera-se obter um maior número de próclise.

De início, analisou-se a variável *posição sintática* dos clíticos pronominais (se ênclise ou próclise) nos gêneros *Carta do Leitor* e *Editorial*. Para tanto, observemos os resultados na tabela a seguir:

Tabela 3: Quantitativo geral de clíticos entre 1830 e 2020, tomando por base a variável *posição sintática* em ambos os gêneros textuais

Século	<i>Carta do Leitor</i>			<i>Editorial</i>		
	Próclise	Ênclise	Total geral por período	Próclise	Ênclise	Total geral por período
1ª séc. XIX	60 (70%)	26 (30%)	86	48 (79%)	13 (21%)	61
2ª séc. XIX	35 (46%)	41 (54%)	76	38 (55%)	31 (45%)	69
1ª séc. XX	37 (76%)	12 (24%)	49	17 (61%)	11 (39%)	28
2ª séc. XX	30 (58%)	22 (42%)	52	14 (61%)	09 (39%)	23
Séc. XXI	7 (50%)	7 (50%)	14	14 (61%)	9 (39%)	23
Total Geral	169(100%)	108 (100%)		131(100%)	73(100%)	

Fonte: Do autor.

Em linhas gerais, quanto às ocorrências de próclise e ênclise nas CL, observou-se um total de 169 e 108 contextos, respectivamente. Nos 40 textos de ED, houve 131

ocorrências de próclise e 73 de ênclise. Em ambos os gêneros, notou-se o predomínio da próclise e, conforme já mencionado na seção da metodologia, não houve contextos de mesóclise, um resultado que vai de encontro ao obtido por Martins (2018) que, como já vimos, obtém um total de 26 casos de mesóclise dentre os 5.350 dados do projeto PHPB. Em todo o caso, o índice de mesóclise é pouquíssimo, tal como verificado também por Saraiva (2008), que tem seu foco voltado para a escrita culta do domínio jornalístico atual e em inquéritos do Projeto *Norma Lingüística Urbana Culta* (NURC). Vejamos, a seguir, alguns exemplos retirados do *corpus* desta pesquisa que evidenciam o uso da próclise (cf. (26) e (27)) e da ênclise (cf. (28) e (29)):

(26) “[...] mas se *o* não fizer.” (CL - 1830 \ Ed. 00519);

(27) “Eis aqui *me* tem Vm. Sar. Editor, desembarcado no Trapiche [...]” (CL - 1835 \ Ed. 00028);

(28) “[...] a pesar de alguns, mostravaõ-*se* muito mais feiçoados [...]” (ED - 1840 \ Ed. 00004);

(29) [...] a respeito da industrialização do País e comércio exterior, apoiando-*o* [...]” (ED - 1930 \ Ed. 00017).

Passemos, agora, a uma análise pormenorizada dos resultados, tendo em mente cada gênero escolhido. Quanto ao gênero *Carta do Leitor*, desde a primeira metade do século XIX, demonstra-se um claro predomínio da ocorrência de próclises (70%) em relação à ênclise (30%) – que, na segunda metade do século XIX, é atingida por uma virada e diminui sua frequência de próclises (46%) para ênclises (54%). Porém, as ocorrências voltam a ter predominância proclítica tanto no início do século XX quanto em seu fim. Tal comportamento pode ser analisado através das conclusões obtidas nos estudos de Pagotto (1998) e Faraco (2008), que apontam a imposição de uma norma oficial ao PE utilizado pelos autores românticos portugueses. Em suas observações, Pagotto (1998) assinala que as construções no período do Brasil Império eram essencialmente proclíticas, ao passo que, durante a Primeira República, justamente nos fins do século XIX (a partir de 1892), há uma inclinação à ênclise.

A alta produção de ênclise entre os séculos XIX e XX pode estar relacionada ao fato de o texto jornalístico apresentar certa padronização, de maneira a estar preso às normas prescritas pelos manuais gramaticais – visando ao modelo de uso do PE, uma vez que passa, por exemplo, por revisão antes de sua publicação.

Essas particularidades podem fazer com que o comportamento dos clíticos pronominais divirja do apresentado nas peças teatrais que Cyrino (2018) considera como uma representação aproximada do vernáculo. A TD do gênero *Carta do Leitor* pode nos

fornecer aparato para reflexão sobre os dados: a função comunicativa desse gênero atrelada à sua vinculação com o meio jornalístico, como observa Andrade (2008), e o papel de viabilizar relações que não podem se dar "face a face", conforme verifica Pelizari *et al.* (2019), talvez determine que uma maior correção gramatical perpassa a estruturação dos textos. Esses elementos socioculturais necessitam de "elementos linguístico-discursivos específicos" (Silva; Gomes, 2016, p. 57) para sua efetivação, o que pode ser aplicado também aos *editoriais*, visto que sua construção também se orienta por seu propósito comunicativo – critério comum a todos os gêneros.

Nota-se a queda das aparições gerais dos clíticos na segunda metade do século XIX (76 casos) e na primeira metade do século XX (49 casos) - como se observa, principalmente, no que diz respeito aos clíticos de 3ª pessoa, apesar da alta nas ocorrências de clíticos nas *Cartas do Leitor* durante a segunda metade do século XX (52 casos em relação aos 49 da primeira metade do século XX). Esse fenômeno encontra sua explicação nos estudos de Cyrino (2018), em que uma das justificativas para a queda dos clíticos nesse período seria a coocorrência com o objeto nulo. Essa é uma hipótese que será trabalhada nas outras etapas desta pesquisa, assim como será investigada a ideia de que a diminuição dos clíticos de 1ª e 2ª pessoa pode estar relacionada mais fortemente à natureza do gênero analisado.

Em geral, a tendência que se observa é a seguinte: de 1830 a 2020, há uma redução geral de 83,17% de ocorrência dos clíticos. Tal resultado foi obtido através do percentual calculado sobre o número geral de ocorrências entre o primeiro período dos dados coletados (primeira metade do século XIX) e o último (século XXI).

Resultados similares podem ser observados no gênero *Editorial*, em que há uma queda de 66,67% na ocorrência dos clíticos a partir da segunda metade do século XIX, resultado obtido através do cálculo de porcentagem sobre as ocorrências gerais dos clíticos no século XIX e seu número no século XX. No século XIX, a próclise mantém-se mais recorrente com 86 casos no geral. Faz-se menção à mudança expressiva no número de ênclises entre a primeira e a segunda metade do século XIX, levando-as a sair de 13 para 31 ocorrências – reforçando as observações de Pagotto (1998) e Faraco (2008). Quando se compara esse século com os demais, observa-se um grande decréscimo no uso dos clíticos, principalmente os de 3ª pessoa, um resultado que vai na direção dos resultados de Cyrino (2018) (cf. Tabela 1).

Partindo para a análise da variável *função sintática* do clítico como objeto direto/acusativo (OD) e objeto indireto/dativo (OI), é perceptível que as ocorrências de clíticos acusativos são majoritárias em todos os períodos analisados, ao contrário dos clíticos dativos, uma vez que construções acusativas tendem a ser mais frequentes que as dativas:

Tabela 3: Quantitativo geral e percentual de clíticos entre 1930 e 2022, tomando por base sua *função sintática na posição de complemento verbal*

Período	<i>Editorial</i>		<i>Carta do Leitor</i>	
	OD	OI	OD	OI
1ª séc. XIX	58 (89,2%)	07 (10,8%)	55 (64,7%)	30 (35,3%)
2ª séc. XIX	60 (89,5%)	07 (10,5%)	52 (73,6%)	19 (26,4%)
1ª séc. XX	26 (92,8%)	02 (7,2%)	48 (87,3%)	07 (12,7%)
2ª séc. XX	18 (78,3%)	05 (21,7%)	45 (81,8%)	07 (19,2%)
Séc. XXI	19 (90,5%)	02 (10,5%)	07 (50%)	07 (50%)
TOTAL GERAL	181	23	207	70

Fonte: Do autor.

Esse resultado pode ser entendido como um reflexo das características linguísticas que o gênero tem, como uma TD, que aponta para uma tendência ao uso da 3ª pessoa e das temáticas que guiam sua escrita, como opinar, discutir, argumentar etc., conforme apontam os estudos de Alves Filho (2006), Medianeira de Souza (2006), Marques (2009), Vieira (2009), Köche *et al.* (2012) e Pelizari *et al.* (2019).

Vale dizer que, embora clíticos dativos sejam menos frequentes em ambos os gêneros jornalísticos, em todos os períodos pesquisados, a frequência deles é mais expressiva nas *Cartas do Leitor* no século XIX, havendo um decréscimo acentuado a partir da primeira metade do século XX. Situação essa que pode ser explicada em virtude da influência da gramática do PB crescer nesse período, em detrimento da influência do PC, no que concerne a tendência apresentada por clíticos como “me”, “te” e “se”, de apresentarem função dativa (Martins, 2018) – o que pode interferir no número de ocorrências de objetos com função de alvo e/ou benefactivo.

Já os dados de Gomes (2007) apontam para a maior padronização do jornal no início do século XX, na fase *telegráfico-informática*. A respeito desse período, Andrade (2008, p. 7) observou em sua pesquisa com cartas de leitores de jornais paulistas que elas eram apresentadas integralmente e versavam “sobre os mais variados e distintos assuntos: pedidos, reclamações, comentários, busca de contato com parentes ou amigos, entre outros”, e constatou-se no *corpus* desta pesquisa que as cartas inclinaram-se mais às temáticas de reclamação e opinião. Infere-se, portanto, que a progressiva padronização do meio jornalístico e as temáticas mais recorrentes na TD das *Cartas do Leitor* pode ter influenciado o modo como o autor regulava sua escrita para aqueles a quem se destinavam seus textos, “visando a atender vários propósitos comunicativos” (Andrade, 2008, p. 6).

No caso dos pronomes acusativos encontrados nos *Editoriais*, há estabilidade nas ocorrências durante a segunda metade do século XIX em relação ao período anterior.

Observa-se também a diminuição em sua presença da primeira metade do século XX em diante, passando de 26 na primeira metade do século XX para 19, no século XXI. Esse decréscimo dos clíticos acusativos pode estar relacionado ao aumento da frequência de objetos nulos, conforme assinala Cyrino (1994; 2018). Nas *Cartas do Leitor*, por sua vez, o decréscimo das ocorrências de OI é notável desde o começo do século XX, mantendo-se estável até o último período analisado. Menciona-se ainda o fato da queda de clíticos, como OD, ser contínua ao longo dos períodos, apresentando-se bastante acentuada no século XXI.

A seguir, são extraídos exemplos do *corpus* em que os clíticos são acusativos e dativos em diferentes períodos da história:

- *Primeira metade do século XIX:*

(31) a. “então procurou estrangula-*la*”. (OD - CL - 1835 \ Ed. 00028)

b. “[...] e deixou a todos penhorados pelas lisonjeiras palavras que *lhes* dirigió”. (OI - ED - 1835 \ Ed. 00579)

- *Segunda metade do século XIX:*

(32) a. “[...] e começou a injuriar-*me*, sob o pretexto de que eu fazia más ausências delle”. (OD - CL - 1875 \ Ed. 00005)

b. “todo o cidadão é livre de trabalhar no que bem *lhe* aprouver”. (OI - ED - 1875 \ Ed. 00028)

- *Primeira metade do século XX:*

(33) a. “Convidou-*o*, em nome do presidente da república para estar na Terra de Santa Cruz”. (OD - CL - 1935 \ Ed. 00010)

b. “Mas ninguém *me* perguntou e foi melhor: sou um homem de hábitos silolóquios”. (OI - CL - 1940 \ Ed. 00008)

- *Segunda metade do século XX:*

(34) a. “[...] e *o* incentivando a prosseguir [...]”. (OD - ED - 1970 \ Ed. 00001)

b. “ninguém pode *lhes* negar a vitória nessa campanha” (OI - ED - 1975 \ Ed. 00001).

- *Século XXI:*

(35) a. “Já estamos cansados de ver a toda hora propaganda de remédios nos meios de comunicação e o estímulo em usá-*los*”. (OD - CL - “Medicação x propaganda” - 06/03/2014)

b. “Mesmo setores masculinamente fechados como as Forças Armadas *lhe* abriram as portas”. (OI - ED - “Assédio Sexual” - 05/09/2017)

Centrando agora a atenção na variável *traço número-pessoal* dos clíticos encontrados em nosso *corpus*, verifiquemos os resultados apresentados nas tabelas 4 e 5 a seguir:

Tabela 4: Quantitativo geral e percentual de clíticos entre 1930 e 2022, tomando por base seu *traço número-pessoal* nas *Cartas do Leitor*

Período	1.p.sg.	2.p.sg.	3.p.sg.	1.p.pl.	2.p.pl.	3.p.pl.
1ª séc. XIX	27 (34%)	04 (57%)	44 (27%)	7 (36%)	0	3 (50%)
2ª séc. XIX	15 (19%)	03 (43%)	50 (30%)	6 (22%)	0	3 (50%)
1ª séc. XX	8 (10%)	0	35 (21%)	6 (22%)	0	0
2ª séc. XX	27 (34%)	0	25 (15%)	0	0	0
Séc. XXI	3 (3%)	0	11(07%)	0	0	0
TOTAL GERAL	80 (100%)	7 (100%)	165(100%)	19 (100%)	0 (100%)	6 (100%)

Fonte: Do autor.

Tabela 5: Quantitativo geral e percentual de clíticos entre 1930 e 2022, tomando por base seu *traço número-pessoal* nos *Editoriais*

Período	1.p.sg.	2.p.sg.	3.p.sg.	1.p.pl.	2.p.pl.	3.p.pl.
1ª séc. XIX	0	0	54 (30%)	3 (23%)	0	4 (45%)
2ª séc. XIX	2 (100%)	0	60 (34%)	5 (38%)	1 (100%)	2 (22%)
1ª séc. XX	0	0	24 (21%)	4 (31%)	0	0
2ª séc. XX	0	0	19 (13%)	1 (8%)	0	2 (22%)
Séc. XXI	0	0	22 (11%)	0	0	1 (11%)
TOTAL GERAL	2 (100%)	0 (100%)	179(100%)	13 (100%)	1 (100%)	9(100%)

Fonte: Do autor.

Os resultados apresentados acima apontam para um desfavorecimento dos clíticos de 1ª e 2ª pessoa, principalmente no que diz respeito aos editoriais. Dessa maneira, optou-se por manter apenas o grupo da 3ª pessoa para uma análise mais aprofundada. É possível notar uma acentuada queda dos clíticos de 3ª pessoa — cerca de 78%, desde a segunda metade do século XIX, nas *CL*. Tal resultado foi obtido por meio do cálculo da porcentagem da ocorrência geral dos clíticos entre a segunda metade do século XIX e o fim da análise, século XXI. A partir da segunda metade do século XX, apenas os clíticos de primeira e terceira pessoas foram detectados. Os resultados apresentados assemelham-se aos dos estudos de Cyrino (2018) e Pagotto (2018), haja vista

que apontam também para o decréscimo dos clíticos pronominais, principalmente os de terceira pessoa.

Vejamos alguns dos dados extraídos de algumas *Cartas do Leitor* em todos os períodos analisados que evidenciam o uso de clíticos de 3ª pessoa no gênero:

- *Primeira metade do século XIX:*

(36) “d’um só Campião dididido *lhes* avultara uma Legião invencível!”. (1850 \ Ed. 00010)

- *Segunda metade do século XIX:*

(37) “[...] destinada a comunicar-*lhe* de novo aquella segurança”. (1890 \ Ed. 00017)

- *Primeira metade do século XX:*

(38) “se debruçam sobre a colectividade para *lhe* sondar as necessidades mediatas”. (1940 \ Ed. 00008)

- *Segunda metade do século XX:*

(39) “A sua presença, pela manhã, nos diversos recantos da cidade, vendendo o produto que *lhe* dera alcunha”. (1970 \ Ed. 00001)

- *Século XXI:*

(40) “É compreensível quando escrevo: ‘O homem sentou-se na grama’; é compreensível por ser claro”. (“Cartas à Redação - 15/04/2017)

Comparando os resultados da tabela 4 com os resultados encontrados na tabela 5, percebe-se que, apesar da redução na ocorrência dos clíticos de 3ª pessoa, sobretudo a partir da primeira metade do século XX, estes possuem um pouco mais de ocorrência nos *Editoriais* do que nas *Cartas do Leitor*.

Outro resultado é que clíticos de 1ª pessoa são pouco recorrentes nos *Editoriais*, ao contrário do que se observa nas *Cartas do Leitor*, tendo em vista a própria natureza de cada gênero²⁰. Nota-se também a baixíssima ocorrência dos pronomes de 2ª pessoa, havendo apenas uma ocorrência na segunda metade do século XIX. Seguem exemplos de clíticos de 3ª pessoa extraídos de alguns *Editoriais*:

- *Primeira metade do século XIX:*

(41) “Se estão resolvidos, digam-*no*” (1850 \ Ed. 00003).

- *Segunda metade do século XIX:*

(42) “Livre- Bem *o* sabeis, de escolher entre as candidaturas ajuramentadas” (1875 \ Ed. 00028).

²⁰ Alves Filho (2006), Andrade (2008), Marques (2009), Vieira (2009), Köche *et al.* (2012), Silva e Gomes (2016), Brito e Gomes (2019) e Pelizari *et al.* (2019).

- *Primeira metade do século XX:*

(43) “[...] com o objetivo de inaugurar as instalações da “Rádio Borborema”, levei-o até a maternidade” (1935 \ Ed. 00012).

- *Segunda metade do século XX:*

(44) “[...] como se este, para exercer suas prerrogativas, necessitava obter permissão, a fim de desfrutá-las” (1990 \ Ed. 00197).

- *Século XXI:*

(45) “O preconceito por opção sexual, etnia, credo é expressamente vedado pela Constituição. Mas, ainda assim, há os que o defendem” (“Abominável Preconceito” - 12/01/2018).

Com base na comparação entre os dois gêneros, é possível notar que, nas *Cartas do Leitor*, há uma maior presença de clíticos de 1º pessoa, em comparação aos *Editoriais*, nos quais são mais frequentes os pronomes de 3º pessoa. Infere-se, portanto, que esse resultado ocorra devido à maior subjetividade nas *Cartas do Leitor*, uma característica verificada por Silva e Gomes (2016), Pelizari *et al.* (2019), Brito e Gomes (2019) e Andrade (2008). Ademais, utilizando-se do *corpus* do PHPB, Martins (2018, p. 159) afirma que “a baixa ocorrência dos pronomes de segunda pessoa pode estar correlacionada aos gêneros considerados que não favorecem um discurso voltado à interlocução direta”. Tais considerações podem explicar, portanto, a maior frequência de pronomes de 3º pessoa nos *Editoriais*, enquanto as *Cartas de Leitor* inclinam-se mais à utilização da interlocução direta.

Rememorando o ponto de vista de Alves Filho (2006, p. 81) ao focar na dimensão verbal do gênero *Editorial*, percebe-se “a tendência a não aparecerem pronomes de primeira pessoa e, por outro lado, há preferência por recursos de impessoalização”. Assim, pudemos perceber que os *Editoriais*, por possuírem um maior grau de impessoalidade, tendem a se referir a uma 3º pessoa, seguindo a perspectiva de análise de Alves Filho (2006), Marques (2009), Vieira (2009), Köche *et al.* (2012) e Pelizari *et al.* (2019).

Por outro lado, as *Cartas do Leitor* apontam para uma proximidade maior com os resultados obtidos por pesquisadores a partir de peças teatrais em relação aos *Editoriais*, uma vez que, nas peças, apareciam exemplares de clíticos de todas as pessoas, tendo em vista também a espontaneidade perceptível, a aproximação comunicativa e a intimidade relativa na relação entre o remetente e o destinatário a que se referem Silva e Gomes (2006).

No que diz respeito às variáveis presença e ausência de Termo Atrativo no gênero *Carta do Leitor*, é perceptível que há um predomínio de casos de próclise com ausência de Termos Atrativos, com exceção da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX, no qual há, respectivamente, 57, 5% e 68, 57% de ocorrências desse caso (cf. Tabela 6).

Tabela 6: Resumo do percentual geral de próclise entre 1830 e 2022, tomando por base a variável *presença /ausência de termo atrativo no gênero Carta de Leitor*

Período	<i>Presença de Termo Atrativo</i>	<i>Ausência de Termo Atrativo</i>	Porcentagem por período	Período / Ocorrências Gerais
1ª séc. XIX	57,5%	42,5%	100%	60 (34, 65%)
2ª séc. XIX	68,57%	31,43 %	100%	35 (28, 71%)
1ª séc. XX	43, 2%	56, 8%	100%	37(17, 32%)
2ª séc. XX	46, 6%	53, 4%	100%	30 (13, 36%)
Séc. XXI	42, 9%	57, 1%	100%	7 (6%)
Total das Ocorrências Gerais				169 (100%)

Fonte: Do autor.

Conforme apontam as investigações de Andrade (2008), Gomes (2007) e Pelizari *et al.* (2019), a TD das *Cartas do Leitor* prevê, em relação ao *Editorial*, maior grau de informalidade, atestada também por Silva e Gomes (2016, p. 56), os quais assinalam os fatores da espontaneidade que embebem este gênero: “espontaneidade perceptível, havendo aproximação comunicativa, assim como intimidade relativa na relação entre o remetente e o destinatário”. Mencionam-se também as diversas temáticas que estão presentes nessas missivas das cartas, já apresentadas aqui, que servem como fatores que corroboram a aproximação desse gênero à coloquialidade do PB, apontando semelhanças com os resultados obtidos por Pagotto (2018), Cyrino (2018) e os apontamentos de Tarallo (2018b) a respeito das diferenças da gramática do PB em relação a do PE, ou mesmo a do PC.

A seguir, são extraídos exemplos do *corpus* em que os clíticos estão em posição de próclise, com e sem termo atrativo, em diferentes períodos da história:

- *Primeira metade do século XIX:*

(46) a. “[...] livrarem de que *os* mandem fazer” (C/ T.A.²¹ -1830 \ Ed. 00520)

b. “[...] de um só Capitão decidido *lhes* avultam uma Legião invencível” (S/ T.A.²² - 1830 \ Ed. 00520)

- *Segunda metade do século XIX:*

²¹ C/T.A.= Com Termo Atrativo.

²² S/T.A.= Sem Termo Atrativo.

(47) a. “[...] alli *se* achava o mesmo tenente-coronel” (C/ T.A. - 1880 \ Ed. 00006)

b. “[...] depois de *os* ter apresentado como conquista” (S/ T.A. - 1880 \ Ed. 00006)

- *Primeira metade do século XX:*

(48) a. “[...] para a industrialização a que *se* lançou” (C/ T.A. - 1930 \ Ed. 00016)

b. “Era o artigo de sua predileção e *lhe* parecia, portanto, mais do que natural” (S/ T.A. - 1935 \ Ed. 00010)

- *Segunda metade do século XX:*

(49) a. “Dava pequenas paradas nas bodegas que *lhe* ofereceriam as costumeiras doses de cachaça” (C/ T.A. - 1970 \ Ed. 00001)

b. “O convívio humano *se* impõe como condição imperiosa” (S/ T.A. - 1940 \ Ed. 00008)

- *Século XXI:*

(50) a. “[...] sem falar nas enormes filas que *se* formam” (C/ T.A. - Cartas e emails - 04/12/2014)

b. “Hospício na Boa Vista, *se* encontra esquecido pelo governo” (S/ T.A. - Cartas e emails - 04/12/2014)

A respeito da frequência com que os casos de próclise *se* dão no gênero *Editorial* (cf. Tabela 7), os dados apontam um predomínio dos casos em que o fenômeno ocorre com termos atrativos, à exceção da última metade do século XIX e no século XXI. Esse predomínio de casos de próclise ante a presença de termos atrativos pode ser explicado pelo maior grau de monitoramento a que o jornalista está submetido no momento de escrita e revisão dos textos que irão para as seções do jornal, como atestado por Alves Filho (2006), Vieira (2009), Köche *et al.* (2012) e Pelizari *et al.* (2019), ao investigarem a Tradição Discursiva desse gênero.

No entanto, consoante a Silva (2022), o jornalista *se* vê em uma situação que o obriga a um processo rápido de edição entre a primeira escrita e a publicação no texto, nesse interstício sua “gramática intuitiva”, permeada de suas experiências linguísticas naturais, tem importante papel nas decisões que serão tomadas, o que pode explicar algumas das escolhas feitas a respeito da colocação pronominal, por exemplo.

Tabela 7: Resumo do percentual geral de próclise entre 1830 e 2022, tomando por base a variável *presença / ausência de termo atrativo no gênero Editorial*

Período	<i>Presença de Termo Atrativo</i>	<i>Ausência de Termo Atrativo</i>	Porcentagem por período	Período / Ocorrências Gerais
1ª séc. XIX	52%	48 %	100%	48 (24, 54%)
2ª séc. XIX	57,9%	42,1 %	100%	38 (36, 36 %)
1ª séc. XX	86,8%	13,2%	100%	17 (14, 54%)
2ª séc. XX	64,26%	35,74%	100%	14 (12, 75%)
Séc. XXI	42,8%	57,2%	100%	14 (11, 81%)
Total das Ocorrências Gerais				131 (100%)

Fonte: Do Autor.

A seguir, são extraídos exemplos do *corpus* em que os clíticos estão em posição de próclise, com e sem termo atrativo, em diferentes períodos da história:

- *Primeira metade do século XIX:*

(51) a. “he preciso pois, que nos limitemos a dirigir/o no declive” (C/ T.A. - 1830 \ Ed. 00544)

b. “indicavam como infallivel se as circunstancias a favorecessem”(S/ T.A. - 1830 \ Ed. 00544)

- *Segunda metade do século XIX:*

(52) a. “delegado de policia que alli se achava, declarou que S. M. não recebia” (C/ T.A. -1880 \ Ed. 00005)

b. “Peça, Sr. Padre Medeiros que /hes desbastem a ignorancia” (S/ T.A. - 1875 \ Ed. 00028)

- *Primeira metade do século XX:*

(53) a. “sem nenhuma idéa central que os distinga” (C/ T.A. - 1940 \ Ed. 00006)

b. “o sertanejo, se vê na privação de elementos indispensáveis á sua defesa” (S/ T.A. - 1950 \ Ed. 00001)

- *Segunda metade do século XX:*

(54) a. “a festa que annualmente se faz á mesma excelsa senhora naquela localidade” (C/ T.A. - 1975 \ Ed. 00001)

b. “ninguém pode /hes negar a vitória nessa campanha” (S/ T.A. - 1978 \ Ed. 00004)

- *Século XXI:*

(55) a. “É claro que respeito muito as igrejas evangélicas, mas não a vulgarização que se estabeleceu no Brasil”(C/ T.A. - Editoriais - 17/05/2020)

b. “ propriedade da qual pode dispor como lhe aprouver, continua vivo como no século 16” (S/ T.A. - “Assédio Sexual” - 05/09/2017)

5. Considerações finais

A partir dos resultados apresentados até o momento, percebe-se que o comportamento dos clíticos extraídos das *Cartas do Leitor* e dos *Editoriais* presentes no *Diário de Pernambuco* ao longo de três séculos (XIX, XX e XXI) vem apresentando um distanciamento em relação ao comportamento dos clíticos no PE, um resultado que vai na direção de outros estudos já realizados no PB com outros *corpora*, a exemplo de contextos extraídos de peças teatrais²³, cartas pessoais e documentos oficiais²⁴.

Os resultados desta pesquisa mostram: (a) maior ocorrência de próclise em relação à ênclise em ambos os gêneros textuais analisados entre a primeira metade do século XIX até o século XXI e (b) redução acentuada de clíticos de 3ª pessoa a partir da segunda metade do século XIX, principalmente, nas *Cartas do Leitor*, fenômeno que será aprofundado em etapas posteriores a fim de observar se a situação relaciona-se ao aumento de objetos nulos, como afirma-se em Cyrino (1994; 2018). No que se refere à função sintática, embora os clíticos sejam mais frequentes na posição de objeto direto em ambos os gêneros textuais, nas *Cartas do Leitor* há mais ocorrências de clítico na posição de OI, um resultado que pode ser explicado via TD desse gênero que, em sua composição, prevê um remetente e um destinatário a quem se dirige a mensagem, conforme discutido por Silva e Gomes (2016), Pelizari *et al.* (2019), Brito e Gomes (2019), Gomes (2007) e Andrade (2008), bem como a tendência de certos clíticos (“me”, “te” e “se”) em desempenhar função dativa, como atesta Martins (2018). Sobre a presença e ausência de Termos Atrativos, observou-se que há maior ocorrência de próclise sem a presença de Termos Atrativos no gênero *Carta de Leitor*, ao passo que, até o final do século XX, a maioria dos casos de próclise nos *Editoriais* possuía a presença de algum termo atrativo. Tal situação mudou no século XXI quando o número de casos com termo atrativo somavam 42, 8% dos registros, ao passo que os casos sem termo atrativo somaram 57, 2%.

Ressalta-se por último que esta pesquisa não encerra a discussão a respeito dos fenômenos destacados, muito menos esgota as possíveis interpretações dos dados ou dá conta de abarcar todo arcabouço teórico que lhe embasa. Espera-se ainda: (a) ampliar a

²³ (cf. Cyrino (2018)).

²⁴ (cf. Pagotto (2018); Martins (2018)).

análise dos dados encontrados na variedade do português em questão, levando em consideração não só as possíveis alterações nas regras que regem a colocação pronominal no PB (por exemplo, os constituintes considerados atratores) e a possível coocorrência de clíticos com os objetos nulos, principalmente a partir da primeira metade do século XX, mas também a constituição sócio-histórica dessa variedade e (b) comparar os resultados encontrados nessa variedade com os resultados a serem obtidos em jornais moçambicanos, visando ao estabelecimento de possíveis semelhanças e/ou diferenças entre essas variedades.

Referências

ALVES FILHO, Francisco. A autoria institucional nos editoriais de jornais. *In: Alfa: Revista de Linguística*, v. 50, n. 1, p. 77-89, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1396>. Acesso em: 30 nov. 2024. Acesso em: 23 nov. 2022.

ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira. Tradições discursivas em cartas de leitores na imprensa paulista: estudo dos papéis sociais e formas de tratamento numa perspectiva diacrônica. *In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - 1º SIMELP*, 2008, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001723429>. Acesso em: 08 jan. 2023.

BAKHTIN, Mikail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2020.

BIAZOLLI, Caroline Carnielli. *Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/144643>. Acesso em: 22 nov. 2022.

BRITO, Bianca do Carmo Pereira; GOMES, Valéria Severina. Tradição Discursiva e Historicidade do Gênero Textual: Cartas de Leitor na Sala de Aula. *In: Encontros de Vista*, Recife, v. 24, n. 2, jul./dez., 2019, p. 3-16. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4145>. Acesso em: 24 nov. 2022.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2004[1970].

CASTILHO, Ataliba de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CHOMSKY, Noam *Lectures on government and binding*. Foris: Dordrecht, 1981.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1994. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1581797>. Acesso em: 03 abr. 2023.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. *In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 129-142.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

GOMES, Valéria Severina. *Traços de mudanças e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*. 2007. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=158321. Acesso em: 22 nov. 2022.

KABATEK, Johannes. Tradições discursivas e mudança linguística. *In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (orgs.). Para a História do Português Brasileiro Novos dados, novas análises*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, v. 6, 2006. p. 505-530.

KÖCHE, Vanilda Salton *et al. Leitura e produção textual: gêneros do argumentar e expor*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karin Siebeneicher (orgs.). Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

MARQUES, Mariana S. Editorial: a voz do veículo. *In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret (org.). Nos domínios dos gêneros textuais*. 2. ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009. p. 8-14.

MARTINS, Marco Antonio. A sintaxe dos pronomes pessoais clíticos na história do português brasileiro. *In: CASTILHO, Ataliba de; MORAIS, Maria Torres Moraes; CYRINO, Sônia. História do português brasileiro: mudança sintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*, São Paulo: Contexto, 2018. p. 150-209.

MEDIANEIRA DE SOUZA, Maria. *Transitividade e construção no gênero editorial*. 2006. Tese (Doutorado Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7609>. Acesso em: 08 mar. 2023.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo Manual de Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.

PAGOTTO, Emílio Gozze. Norma e condescendência: ciência e pureza. *In: Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 49-68, jul./dez. 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8663583>. Acesso em: 13 abr. 2023.

PAGOTTO, Emílio Gozze. Clíticos, Mudança e Seleção Natural. *In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 143-160.

PELIZARI, Camila da Silva *et al.* Editorial ou carta ao leitor/do editor? estamos falando do mesmo gênero textual?. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 41, n. 2, 1-15, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307462019016>. Acesso em: 02 mar. 2023.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3 (Summer), p. 365-424, 1989. Disponível em: <https://babel.ucsc.edu/~hank/pollock.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

SARAIVA, Líbia Mara da Silva. *A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inquéritos do projeto NURC: uma análise contrastiva*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: http://www.poslin.letras.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=1181. Acesso em: 13 mar. 2023.

SILVA, Aldeir Gomes da; GOMES, Valéria Severina. Correspondência entre amigos pernambucanos na primeira metade do século XX: tradição discursiva e ensino. *Revista do GELNE*, v. 18, n. 2, p. 54 - 78, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11201>. Acesso em: 30 nov. 2022.

SILVA, Adeilson Lima da. *A variação linguística na escrita escolar: o uso do objeto direto anafórico em textos com diferentes graus de monitoração*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/749>. Acesso em: 08 mar. 2023.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

ROUVERET, Alain. Cliticização e tempo no português europeu. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 17, p. 9-37, 1989. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/download/8636799/4520/> Acesso em: 04 fev. 2023.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2003.

VIEIRA, Rosaura Maria Marques. O editorial de jornal. *In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret (org.). Nos domínios dos gêneros textuais*. 2 ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG.V, 2009. p. 15-20.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Recebido em 15 de abril de 2023

Aceito em 29 de junho de 2024



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).